

Luta pela vida. Número de recém-nascidos com crise de abstinência tem crescido em Vitória

Mesmo grávidas, elas não conseguem deixar o crack

GILDO LOYOLA



SEM LAR. Fernanda, 21 anos, grávida de cinco meses de seu quarto filho, continua usando a droga e vive na rua: "A pior coisa no mundo é ter filhos e não poder vê-los", desabafa

Mulheres encaram a gravidez como um recomeço, mas a dependência fala mais alto

DANIELLA ZANOTTI
dzanotti@redegazeta.com.br

Adriana, 25 anos, está grávida de seis meses e ama seu bebê que ainda não nasceu. É por ele que, todos os dias, ela trava uma batalha interna para ficar longe do

de drogas, não se alimentam direito, e muitas se prostituem.

Com tudo isso, não é surpresa para os médicos a situação dessas crianças ao nascer. Apresentam agitação e irritabilidade, e muitas vezes vão direto para a Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal (Utin) com sintomas de síndrome de abstinência.

Serviços de assistência social e de saúde da Capital notam o aumento no número de crianças com esse tipo de problema.

“Minha irmã mora na rua desde criança e começou a usar drogas muito cedo. Meu padrasto colocou fogo na casa, e minha irmã ficou revoltava e foi para a rua. Hoje, ela tem 24 anos. Ela ficou grávida, e eu e minha outra irmã resolvemos criar a filha dela. Ela não quis saber da filha. De vez em quando, ela aparece para

explica a médica.

A droga pode deixar sequelas que afetem para sempre a vida da criança, seja na infância seja na adolescência. “No caso da síndrome alcoólica fetal, a criança pode ter cirrose hepática aos 14 anos se continuar consumindo álcool. O estágio da dependência é diferente do de um adulto”, ressalta a coordenadora do Núcleo de Estudo do Álcool e Outras Drogas da Ufes, Marluce Siqueira.

não poder vê-los”, diz.

DE VOLTA ÀS RUAS

Como Fernanda, a maioria das mães dependentes químicas não possui vínculo familiar e apresenta histórico de vários filhos rejeitados. Segundo a psicóloga e coordenadora do Centro de Atendimento Dia (CAD) da Prefeitura de Vitória - que funciona como porta de entrada para adultos em situação de rua -, Livia Ferreira Cardoso Marins, algumas mulheres conseguem se longe

“Meu filho disse para eu voltar para casa. Ele falou: ‘Você não vai usar droga não, né? Se usar eu sei, tá?’”

FERNANDA
21 ANOS

de alta do hospital, fui para

dias, ela trava uma batalha interna para ficar longe do crack. Na maioria das vezes, a pedra vence. Mas há dias em que o sonho de embalar o filho nos braços é mais forte, e é isso que a faz acreditar na gravidez como uma possibilidade de voltar à vida.

Racionalmente, ela sabe que o crack pode fazer muito mal à criança; sabe também, por experiência própria, que nada de bom acontece para quem encontra a pedra em seu caminho. Mas para ela e outras mulheres na mesma situação, família, um lar e filhos parecem perspectivas distantes. “Antes, fumava todo dia, toda hora. Ficava inquieta. Hoje consigo ficar dois, três dias sem fumar”, diz, esboçando um sorriso e engatando um lamento: “Mas quando estou nervosa acabo fumando mais ainda”.

Nessa guerra para resgatar um mínimo de dignidade, qualquer pequeno passo conta. Fernanda, 21 anos, prostitui-se para comprar crack e reconhece que já chegou a roubar para conseguir a droga. Mas faz uma ressalva: “Nunca matei ninguém. Não tenho coragem, não seria capaz”.

Fernanda dorme o dia todo, sem lugar muito certo, e não come quase nada. Todo dinheiro que consegue é gasto na boca de fumo. Vez ou outra sua barriga começa a doer, fazendo “barulhos” insistentes. Não é ela, porém, que está com fome, mas o filho que carrega em seu ventre. Aos cinco meses de gestação, ele se mexe como se estivesse pedindo a atenção da mãe, mas a jovem só pensa em uma única coisa: fumar crack.

“É muito ruim ficar grávida na rua. Não tem lugar para dormir, não sei se vou amanhecer viva ou morta, se vou comer de manhã”, diz a jovem, que, apesar da pouca idade, já é mãe de outros três filhos.

HISTÓRIAS QUE SE REPETEM

As histórias de Adriana e Fernanda, atendidas no Centro de Atendimento Dia (CAD) da Prefeitura de Vitória, caminham em direção ao destino de muitas outras gestantes que são usuárias de drogas. Seus bebês são abandonados antes mesmo do nascimento - raramente fazem acompanhamento pré-natal, e a gravidez muitas vezes é vivida nas ruas. Fora o consumo

aumento no número de crianças com esse tipo de problema. A Prefeitura de Vitória já distribuiu leite especial para bebês cujas mães são usuárias de drogas. “Algumas mulheres procuram o serviço após o nascimento dos filhos, mas nem sempre elas aderem ao tratamento. As unidades de saúde fazem o primeiro contato, e observamos o aumento desse público”, afirma a coordenadora do setor de Saúde Mental do Centro de Prevenção e Tratamento a Toxicomaníacos (CPTT) de Vitória, Andreia Romanhole.

SEM FUTURO

No Hospital Infantil, no setor de Neonatologia, há registros de recém-nascidos com doenças graves ligadas ao uso de drogas na gestação. De 2002 até março deste ano, 49 bebês foram atendidos com gastrosquise - defeito congênito que deixa a parede abdominal aberta -, dois dos quais somente neste ano.

“O número é considerado alto. Também há aumento de crianças prematuras. Em 80% dos casos, as mulheres que carregam os bebês com a doença têm menos de 20 anos, são desnutridas, usuárias de drogas e de baixa renda”, relata Virgínia Maria Muniz, médica do setor de Neonatologia do Infantil e mestre em Saúde Coletiva.

O uso de drogas durante a gravidez pode provocar vaso-

dela. Ela não quis saber da filha. De vez em quando, ela aparece para visitá-la, mas em seguida volta para a rua. Outro dia, ela dormiu em casa. Chega sempre toda suja. Temos medo que ela possa morrer por causa das drogas. Já perdemos nossa mãe, que morreu de tuberculose em 2005. A última vez que fomos atrás dela, uns meninos da rua vieram dizer que tinham tacado fogo na minha irmã, mas graças a Deus nada aconteceu. Ela estava dormindo na Praia do Canto. A gente pergunta quem é o pai da menina, mas ela não sabe, porque estava envolvida com dois rapazes, irmãos, ao mesmo tempo”

S.,
19 ANOS

constrição - diminuição do fluxo sanguíneo do feto. As crianças podem nascer prematuras, com dificuldade respiratória, baixo peso e uma série de síndromes. “Existe a síndrome de abstinência do bebê; a síndrome de morte súbita, em que o principal fator de risco é a cocaína; e a síndrome alcoólica fetal. A cocaína também pode provocar nos bebês a doença enterocolite necrotizante, que é a falta de sangue no intestino”,

Como as drogas atingem os bebês



CRACK

- Síndrome de abstinência
- Gastrosquise (o bebê nasce com a parede abdominal aberta)
- Outros sintomas semelhantes aos da cocaína

MACONHA

- Prematuridade
- Baixo peso ao nascer

COCAÍNA

- Baixo peso
- Risco de nascimento prematuro
- Anomalias congênitas, como lesões cerebrais graves e más-formações de intestino, crânio, face e outras
- Síndrome da morte

Ufes, Marluce Siqueira.

ABANDONO

Fernanda, a jovem que aguarda a chegada do seu quarto bebê, só sorri quando fala dos filhos e da mãe, que não vê há seis anos. Aos 16, encontrou uma “pedra” no caminho e viu sua vida desmoronar. “Saí de casa por causa do meu padastro, porque ele me batia muito, com vara de goiaba, cabo de vassoura ou um chicote que pegava no meio do mato. Ele me botava agachada, e se não ficasse de costas era pior”, relata.

O primeiro filho de Fernanda tem 11 anos, mas ela o abandonou com a mãe logo depois do nascimento, quando foi morar na rua. “Uma vez eu quase matei ele enforcado. Eu dormi em cima dele. Se não fosse minha mãe, que chegou na hora, ele estaria morto”, recorda. Nesse período, ela veio para Marataízes, no Sul do Estado. Casou e teve dois filhos com o companheiro, que também se drogava.

O menino, de 4 anos, e a menina, de 1 ano e seis meses, também ficaram para trás. Quem toma conta deles é a sogra de Fernanda. “Há um mês ela foi debaixo da ponte com eles para me ver. Meu filho disse para eu voltar para casa. Ele falou: ‘Meu pai está usando drogas. Você está usando drogas, mamãe? Você não vai usar droga não, né? Se usar eu sei, tá?’. A pior coisa no mundo é ter filhos e

tução de rua -, Lívia Ferreira Cardoso Marins, algumas mulheres conseguem ao longo dos nove meses de gestação se organizar e sair da rua para ficarem com a criança.

Mas o destino da maioria é o mesmo: depois que o bebê nasce, as mães entregam para a família criar e voltam para as ruas. Foi o que aconteceu com a irmã da estudante Sheila, 19 anos. Shirley, 24 anos, passou a infância e a adolescência toda na rua e a família só soube que estava grávida quando ela já estava no hospital, para o parto.

“A Justiça queria tirar a criança dela, mas eu e minha irmã mais velha resolvemos criá-la. Quando deixamos o hospital, Shirley saiu do ônibus e desapareceu. Nem quis saber da menina, que hoje tem 3 anos”, conta Sheila.

O abandono acontece às vezes no próprio hospital. Se os parentes rejeitam a criança, a solução é abrigá-la em instituições e encaminhá-la para adoção. “Nós priorizamos o vínculo familiar. Além de dar orientações de saúde, também chamamos a atenção da usuária para o risco de a criança ser criada na rua e para o fato de que ela pode perder a guarda do filho”, explica a psicóloga do CAD.

CAMINHO DIFÍCIL

Para Adriana, a possibilidade de dar um lar a seu filho ficou um pouco mais próxima. Com a ajuda da sogra, ela e o companheiro Leandro, que conheceu no CAD, tentam ser um casal. Fora das ruas, está numa casinha modesta de dois cômodos, em São Torquato, Vila Velha, com alguns “luxos”: televisão, geladeira e uma cama.

Ela sabe que o futuro do bebê depende disso e diz que não quer acabar como uma colega das ruas, grávida, dormindo no chão, ou levando um recém-nascido para essa vida. Mas também já aprendeu o quanto é difícil deixar de vez as pedras.

Adriana já viu essa chance de recomeçar ir embora uma vez, quando, no auge da fissura pela droga, fumou em um só dia seis pedras de crack. Passou mal e só então, ao sofrer um aborto, soube que estava grávida.

“Tive uma dor de repente, fiquei no chão e não conseguia levantar. Acabei abortando. Acho que foi a droga. Depois

da alta do hospital, fui para Camburi fumar mais e senti descer mais sangue”, recorda.

Usuária de drogas há mais de uma década, ela começou com o tiner, aos 12 anos. Depois veio a cola, o cigarro e a maconha. Chegou ao crack aos 16, quando viu o que era crescer na rua. “Fui violentada umas três, quatro vezes. Uma vez quase morri”, lembra.

A mãe desapareceu quando ela tinha 13 anos. “Ela foi um dia para Campo Grande e nunca mais voltou”, conta. O pai morreu logo depois. “As coisas começaram a apertar em casa. Meu irmão caçula saía para arrumar coisas na rua”, diz.

Com a morte do pai, um dos irmãos vendeu a casa e deixou o resto da família na rua. A irmã foi morar com uma prima em Linhares, o irmão mais velho está preso, e não há pistas sobre o paradeiro do caçula. Há três anos, Adriana encontrou-o nas ruas e descobriu que ambos estavam no mesmo barco.

“Fiquei desesperada quando soube que ele estava usando crack. Ele chegou perto de mim chorando, todo sujo, pedindo para ir para a casa da nossa avó, em Linhares.” Por lá o rapaz ficou pouco tempo e, pelo que se sabe, está nas ruas. Adriana quer uma história diferente da que viveu para o seu bebê. Mas sabe que sua luta só está começando.

Estudo

20% de mortes

■ Esse foi o índice de usuários de crack, entre 131 que foram alvo de pesquisa, que morreram em menos de cinco anos após começar o uso. O estudo foi feito por um psiquiatra da Universidade Federal de Medicina de São Paulo, com pacientes de uma clínica contra drogas.

COMENTE NA WEB

Sua família convive com um usuário de crack? Conte sua história no gazetaonline.com.br/forum